



# Arquitetura e Urbanismo: Compromisso Histórico com a Multidisciplinariedade

---

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

Atena  
Editora  
Ano 2020



# Arquitetura e Urbanismo: Compromisso Histórico com a Multidisciplinariedade

**Jeanine Mafra Migliorini**  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária** Janaína Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Jeanine Mafra Migliorini

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-476-4

DOI 10.22533/at.ed.764200810

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra (Organizadora). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O estudo do espaço sempre envolve a coletividade, por mais privado que seja um espaço ele pode servir a mais de um indivíduo, também podemos pensar nos grandes espaços, abertos públicos. Discutir o uso, a apropriação, o destino que a ele se dá é necessário, pois não podemos pensar em apenas descartar ou esquecer o que já foi gerado, um vez que o impacto de atitudes assim já pode ser sentida na nossa sociedade, onde se percebe a finitude dos recursos, que a responsabilidade sobre o uso consciente do espaço é obrigatória. Além do impacto ambiental devemos discutir também o impacto social, histórico. A permanência ou não de edificações, sua relevância e significação.

Este livro aborda, sobre diferentes aspectos, o espaço. Traz-se discussões sobre a fragilidade socioespacial e ambiental de determinadas regiões e como tratar disso, aborda também a humanização dos espaços, entendendo o mesmo muito além de um espaço construído, mas sim da melhor forma que ele pode se apresentar e valorizar o ser social e humano. A discussão se volta para uma questão técnica: a acessibilidade, sua fragilidade e como não se pode dispensá-la. Os artigos seguintes abordam questões referentes a conjuntos já edificados, como são compreendidos e como devem ser tratados.

O tema amplia a escala e passa a tratar de espaços urbanos maiores, apresenta a resposta a uma oficina participativa e as relações complexas e atuais do porto de Paranaguá-PR. O patrimônio vira o foco dos artigos seguintes que abordam a morfologia dos espaços germinais, o patrimônio industrial, as vilas de operários, o patrimônio imaterial, a descaracterização de locais de origem de Roraima e finaliza com o acervo da Câmara dos Deputados.

Todos os temas, tão caros à nossa sociedade, que precisa voltar os olhos para essas questões, cotidianas, mas que não podem ser deixadas à margem, devem ser amplamente debatidas para a formação de espaços de qualidade para uso da sociedade.

Boa leitura e boas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL A PARTIR DE TÉCNICAS PARA COMUNIDADES EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL

Vera Santana Luz

**DOI 10.22533/at.ed.7642008101**

### **CAPÍTULO 2..... 25**

SUSTENTABILIDADE E HUMANIZAÇÃO EM UM CENTRO DE REABILITAÇÃO

Mariana Irigoyen

Luciano Javier Monza Cachán

**DOI 10.22533/at.ed.7642008102**

### **CAPÍTULO 3..... 42**

ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: IDENTIFICAÇÃO DE BARREIRAS EM EDIFICAÇÃO ESCOLAR E PROPOSIÇÃO DE ADEQUAÇÕES COM BASE NA NBR 9050:2020 E NBR 16537:2016

Karla Alberini do Amaral

Hugo Sefrian Peinado

**DOI 10.22533/at.ed.7642008103**

### **CAPÍTULO 4..... 58**

A FUNÇÃO RESIDENCIAL no Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Claudio Antônio Santos Lima Carlos

João Pedro Soares Ferreira

Jonathan Trindade

Luiz Philipe Santos da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.7642008104**

### **CAPÍTULO 5..... 72**

ESPAÇOS PÚBLICOS DE BRASÍLIA: SETOR HOSPITALAR LOCAL SUL (SHLS)

Aisha - Angèle Leandro Diéne

Bruna Pereira de Andrade

**DOI 10.22533/at.ed.7642008105**

### **CAPÍTULO 6..... 82**

OFICINA PARTICIPATIVA DE INTERVENÇÃO URBANA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO ADOTE UMA PRAÇA

Larissa Leticia Andara Ramos

Ana Paula Rabello Lyra

Nayra Carolina Segal da Rocha

Raquel Corrêa Mesquita

Fernanda Roza Maranhão

Suzany Rangel Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.7642008106**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>94</b>
RELAÇÕES PORTO-CIDADE E O IMPERATIVO DA RESPONSABILIDADE: ANÁLISE DA ABORDAGEM DO PLANO MESTRE DO COMPLEXO PORTUÁRIO DE PARANGUÁ	
Kellen Smak	
Sidney Reinaldo da Silva	
Rogério Baptistella	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7642008107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>105</b>
DA MORFOLOGIA URBANA AO RESTABELECIMENTO DE MARCOS CULTURAIS: ESTUDO APLICADO A UM NÚCLEO GERMINAL MUNICIPAL	
Andréa Cristina Soares Cordeiro Duailibe	
Lorena Gaspar Santos	
Melissa Almeida Silva	
Rianny Silva dos Santos	
Walter Gomes Goiabeira Filho	
Wellington Jorge Cutrim Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7642008108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>115</b>
O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, AS TEORIAS CLÁSSICAS DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÀS CARTAS PATRIMONIAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7642008109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>132</b>
VILA ECONOMIZADORA: A MEMÓRIA E AS TRANSFORMAÇÕES	
Giovanna Lopes Barbosa	
Izamara Macedo Oliveira	
Marina Marques da Silva	
Thais Cristina Silva de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76420081010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>142</b>
PATRIMÔNIO IMATERIAL E PAISAGEM CULTURAL NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRACICABA	
Marcelo Cachioni	
Fernando Monteiro de Camargo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76420081011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>154</b>
PORTO DO CIMENTO: O BERÇO DE BOA VISTA DESCARACTERIZADO PELA GESTÃO PÚBLICA – RORAIMA, BRASIL	
Jefferson Eduardo da Silva Morales	
Georgia Patrícia da Silva Ferko	
Graciete Guerra da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76420081012</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>166</b>
GERENCIAMENTO DE RISCO DOS ACERVOS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS/ CONGRESSO NACIONAL	
Gilcy Rodrigues Azevedo	
Juçara Quinteros de Farias	
Cláudia Fernandes Porto	
DOI 10.22533/at.ed.76420081013	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA .....</b>	<b>180</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>181</b>

# CAPÍTULO 4

## A FUNÇÃO RESIDENCIAL NO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 03/07/2020

### **Claudio Antônio Santos Lima Carlos**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Tecnologia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
<http://lattes.cnpq.br/4471089198784239>  
<https://orcid.org/0000-0001-7868-5132>

### **João Pedro Soares Ferreira**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Tecnologia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
<http://lattes.cnpq.br/0001321273676723>

### **Jonathan Trindade**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Tecnologia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
<http://lattes.cnpq.br/4750094812503138>

### **Luiz Philipe Santos da Silva**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Tecnologia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
<http://lattes.cnpq.br/7285631428820383>

**RESUMO:** A pesquisa identifica e analisa os projetos originais de residências para professores, alunos e funcionários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), elaborados no período 1938-1948. Utiliza-se como base teórica o conceito de habitar (Heidegger, Norberg-Schulz, Pallasmaa

etc.) para compreender o *modus vivendis* dos ocupantes originais do campus. Identificam-se na documentação histórica da UFRRJ, atualmente em processo de conservação preventiva, os projetos originais dessas edificações visando a produção de plantas humanizadas e modelos 3D das propostas originais. São realizadas análises comparativas entre os projetos originais, os estados de conservação e utilização atuais das edificações remanescentes. A idéia de propor a presente pesquisa surgiu a partir do projeto de conservação preventiva e digitalização do acervo de desenhos arquitetônicos originais da construção do Campus Seropédica da UFRRJ, apoiado pela FAPERJ (2013-2016). A iniciativa viabilizou a construção do Laboratório de Conservação e Restauro de Documentos (LabDoc), originalmente vinculado ao Centro de Memória da UFRRJ, cujo acervo constitui uma rica fonte de pesquisa sobre o campus Seropédica, guardando os projetos que lhe deram origem, especialmente os residenciais. A pesquisa viabilizou a detecção e a compreensão das intenções originais do projeto arquitetônico do campus, especialmente no tocante à habitação. No presente artigo, serão apresentados alguns resultados parciais da pesquisa que se restringirão à análise comparativa entre três tipologias residenciais do Campus da UFRRJ: as casas de Reitor, trabalhador e funcionário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentação; Conservação; Patrimônio Cultural

## THE RESIDENTIAL FUNCTION ON THE FEDERAL RURAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO CAMPUS

**ABSTRACT:** The research identifies and analyzes the original projects of residences for teachers, students, and employees of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ), drawn up in the period 1938-1948. The concept of inhabiting (Heidegger, Norberg-Schulz, Pallasmaa etc.) is used as a theoretical basis to understand the *modus vivendis* of the original occupants of the campus. The original projects of these buildings are identified in the historical documentation of UFRRJ, currently in the process of preventive conservation, aiming at the production of humanized plants and 3D models of the original proposals. Comparative analyses are carried out between the original projects, the current conservation and use states of the remaining buildings. The idea of proposing this research arose from the preventive conservation project and digitization of the collection of original architectural drawings of the construction of the Seropédica Campus of UFRRJ, supported by Research Support Foundation for the State of Rio de Janeiro (FAPERJ) (2013-2016). The initiative enabled the construction of the Laboratory of Conservation and Restoration of Documents (LabDoc), originally linked to the Memory Center of UFRRJ, whose collection constitutes a rich source of research on the Seropédica campus, keeping the projects that gave rise to it, especially the residential ones. The research enabled the detection and understanding of the original intentions of the architectural design of the campus, especially about housing. In this article, some partial results of the research will be presented that will be restricted to the comparative analysis between three residential typologies of the UFRRJ Campus: the houses of Dean, worker, and employee.

**KEYWORDS:** Documentation, Conservation; Cultural Heritage

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo principal identificar e analisar os projetos originais de residências para professores, alunos e funcionários, no campus Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), elaborados no período 1938-1948, a partir da documentação histórica existente. Como base teórica da análise proposta, a pesquisa se utiliza do conceito de *habitar* (Heidegger, Norberg-Schulz, Pallasmaa etc.) para resgatar e compreender o *modus vivendi* dos habitantes originais do campus.

Propõe-se também a digitalização das respectivas informações gráficas, com vistas à produção de plantas humanizadas e modelos 3D dos projetos arquitetônicos para, posteriormente, analisar comparativamente as apropriações originais com as atuais. Num terceiro momento, pretende-se analisar o grau de caracterização e o estado de conservação dessas edificações, de seus entornos imediatos, bem como a elaboração de posters com as fachadas principais das tipologias arquitetônicas identificadas. Cabe destacar que essas edificações revelam rígida hierarquia, traduzida pelos seus espaços mais ou menos generosos e localizações próximas ou distantes do Pavilhão Central do campus e da Rodovia BR-465 (antiga Rio-São Paulo), conforme as funções exercidas pelos respectivos ocupantes. Estes aspectos contribuem para a compreensão do

conservadorismo do ambiente acadêmico da Universidade dos anos 1930. No presente artigo, serão apresentados alguns resultados parciais da pesquisa que se restringirão à análise comparativa entre alguns aspectos referentes a três projetos residenciais do Campus da UFRRJ: as casas do Reitor, de funcionários e de trabalhadores.

A idéia de propor a pesquisa surgiu a partir do projeto de conservação preventiva e digitalização do acervo de plantas originais da construção do Campus Seropédica da UFRRJ, desenvolvido com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no período 2013-2016. A iniciativa viabilizou a construção do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos (LabDoc), vinculado inicialmente ao Centro de Memória da UFRRJ, que passou a se responsabilizar pela guarda do acervo de projetos arquitetônicos que lhe deram origem, atualmente em fase de conservação preventiva e catalogação.

A pesquisa possibilitou aos alunos e professores envolvidos, a partir do contato com plantas e desenhos originais confeccionados no período 1938-1948, descobrir o vasto e rico universo documental acerca do Campus Seropédica, bem como de aspectos de sua história, que viabilizaram a detecção e a compreensão das intenções originais do seu projeto arquitetônico, especialmente, no tocante à habitação. O Campus, originalmente projetado para uma região rural do Distrito de Seropédica, no município de Itaguaí, atualmente integra a região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, fato que gerou transformações nos modos de habitar seus espaços, especialmente aqueles voltados ao uso residencial.<sup>1</sup> No tocante à moradia, foi possível observar um significativo acervo que traduz uma grande preocupação dos idealizadores do projeto original do campus em fixar professores, alunos e funcionários no campus, com o máximo de conforto e segurança, considerando-se os respectivos níveis hierárquicos em face da considerável distância do local à cidade do Rio de Janeiro. Há projetos para alojamentos de alunos, residências de trabalhadores, funcionários (de vários níveis), professores auxiliares, catedráticos, reitor e vice-reitor. Por outro lado, também foi possível detectar um cuidadoso detalhamento do mobiliário para essas edificações, especialmente para os alojamentos dos alunos, que permite reconstituir parte do modo de habitar projetado para o campus.

### **Algumas considerações sobre o conceito de habitar**

Fenomenologicamente, o significado que a palavra *casa* encerra, extrapola o sentido de simples abrigo, ou seja, todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa que é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Segundo Bachelard (1981, p.22 e 23) através do devaneio “o passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos que freqüentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro”. Ela é capaz de manter o homem protegido das “tempestades do céu e das tempestades da vida”. Nesse sentido, Heidegger

---

1 - Seropédica foi emancipada de Itaguaí, em 1997, tornando-se município do Estado do Rio de Janeiro até os dias atuais.



(2001, p.127-128) exemplifica: “Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa (...)”. O *habitar* seria o fim que se impõe a todo *construir*, não no sentido concreto de edificar, mas no sentido de “construção” de significados, relações sensoriais e memoriais. “Habitar e construir se encontram assim, numa relação de meios e fins”. O “construir já é em si mesmo habitar”.

O *habitar* precede o construir. Ele está e advém da natureza humana. Ligado ao habitar está o desenvolvimento do sentido de pertencimento e familiaridade a um determinado lugar, enunciado pela ideia de “estar em casa”. Cabe destacar que se entende por lugar, segundo Norberg-Schulz (1984, pp. 6-8), a percepção de “uma totalidade qualitativa de natureza complexa, não podendo ser descrito apenas através de significados analíticos ou conceitos científicos.” Ou seja, o lugar reúne aspectos relacionados à materialidade e à imaterialidade dos ambientes (cores, sons, cheiros, lembranças etc.).

Heidegger (2001, p.128) expressa crítica ao mundo contemporâneo onde não mais se pensa em sentido pleno, que *habitar* é o traço fundamental do homem. Nesse sentido, afirma que não habitamos porque construímos. Ao contrário, “construímos e chegamos a construir à medida que habitamos”. Dessa forma, podemos imaginar ser possível sentirmo-nos em casa, em nossa própria cidade, em nosso próprio bairro ou rua, onde habitamos. A topofilia decorre do *habitar*, originando os esforços comunitários realizados no sentido de conservar sítios históricos, sejam eles “casas-cidades”, “casas-bairros” ou “casas-ruas”, defendendo-os contra aspectos considerados ameaçadores e capazes de desfigurar essa cara sensação de pertencimento proporcionada pelo *habitar*. Pallasmaa (2011, p. 38) sobre esse aspecto observa que a “cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim.” Sobre o habitar, Pallasmaa (2017, p. 7) ainda observa que:

O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que se transforma um espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental. (PALASMAA, 2017, p. 7)

Deduz-se assim, que o homem habita quando é capaz de orientar-se internamente e identificar-se com um meio, ou experimentá-lo num sentido mais pleno. Habitar indica a relação total do homem com o lugar. Quando o homem habita, ele simultaneamente está localizado no espaço e exposto a certas características do meio (NORBERG-SCHULZ, 1984, p.5). O habitar envolve duas funções psicológicas que podem ser chamadas de

orientação e identificação. Para obter-se uma base existencial o homem deve ser capaz de orientar-se, ele necessita saber onde está. Porém para identificar-se com o meio em que se está, deve-se saber como é o meio onde se encontra. A falta de legibilidade da imagem acarreta a sensação de estar perdido, o que se opõe ao sentido de segurança que está no habitar (Cf. LYNCH, 1980, p.20).

## **SOBRE MEMÓRIA, DOCUMENTO E ARQUITETURA**

O conceito de memória se destaca como referência crucial para os seres humanos. Para Le Goff (2003, p. 419), ela possui a “propriedade de conservar certas informações” que nos remetem “em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Já Maurice Halbwachs não considera a memória apenas como um atributo da condição humana, tampouco como algo que é construído a partir do seu vínculo com o passado, mas sim como resultado de “representações coletivas construídas no presente” que têm como função manter a sociedade coerente e unida. Para Halbwachs a memória tem apenas um adjetivo: coletiva (SANTOS, 2003, p.21). Le Goff (2003, p. 525) observa que a memória coletiva possui a sua forma científica, a história, que se aplica em dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.

O termo latino *documentum* deriva de *docere*, “ensinar” e assume o significado de “papel justificativo” – domínio policial – e, a partir da virada do século XIX para o XX, para a corrente positivista, de “fundamento do fato histórico”, “prova histórica”. (LE GOFF, 2003, p. 526). Ocorre que, em 1929, segundo Le Goff (2003, p. 530), os fundadores da revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale* e pioneiros de uma nova análise da história, ampliaram a noção e o sentido de documento que passou a abranger aqueles escritos, ilustrados, transmitidos pelo som, imagens, desenhos ou qualquer outra maneira. Estes vinculam a sua existência a da própria história, ou seja, “não há história sem documentos” (LE GOFF, 2003, p.531).

Em função disso, a identificação, a catalogação, a análise e a divulgação de documentação escrita e iconográfica relacionada à arquitetura tornam-se ações fundamentais para uma melhor compreensão de sua importância e trajetória. Trata-se da conservação de um dos pontos que compõem o extenso mosaico de referências materiais que contribuem para a construção e a manutenção da memória coletiva de grupos humanos, tendo em vista que as arquiteturas, especialmente as de uso público, são o *locus* de convivência e vivências coletivas. Além da própria edificação, este mosaico é composto por relatos, lembranças e, sobretudo, pela documentação escrita e iconográfica, tais como, desenhos, projetos, imagens, textos etc. Myriam S. dos Santos (2003, p.19) confirma esse pensamento quando afirma que os objetos e os documentos são capazes de reproduzir parte do que foi vivenciado no passado.

No caso específico das entidades públicas, os arquivos assumem grande importância no processo de perpetuação das respectivas memórias, representando verdadeiros repositórios que testemunham fatos vividos no passado. Os conjuntos de documentos neles guardados, independente de suporte, inequivocamente, são fruto de acumulação proveniente de atividades dessas entidades ocorridas em diversas épocas e sob diferentes contextos culturais e políticos. Após terem cumprido a sua função original (instrumentos de trabalho), transformam-se em evidências do passado, guardando a memória de fatos e intenções concretizadas ou não (Cf. ANGELO, 2009, p.92).

Quando se trata de arquitetura, a documentação histórica (o projeto) é uma relevante fonte de conhecimentos e informações que permitem, dentre outros, a reconstituição precisa das intenções e sentimentos dos respectivos idealizadores (empreendedores e arquitetos). Segundo o Dicionário Houaiss (2001), projetar possui diversos significados, desde atirar, arremessar à distância, até fazer um projeto, planejar, ver a frente. O termo relaciona-se com algo que lançamos ou vislumbramos a frente. No caso do projeto arquitetônico, há uma nítida revelação de uma intenção futura, ou seja, permite a visualização prévia e em escala reduzida, do edifício que se pretende construir. A análise dos projetos arquitetônicos originais de uma edificação nos fornece uma concreta possibilidade de perceber o que se pretendeu no passado e, por comparação, identificar o que realmente foi realizado, executado e de que forma ocorreu e ocorre a sua apropriação.

Por outro lado, o tratamento formal originalmente proposto pelo autor do projeto, traduzido numa determinada linguagem estilística (escala, ritmo, relação entre cheios e vazios, modinatura, articulação dos espaços etc.), torna-se também um importante elemento que possibilita essa reconstrução e análise. O estilo é capaz de, por intermédio do modo de representação, exprimir o modo de percepção, de pensamento e valores de uma determinada classe social ligada a uma determinada época. (BOURDIEU, 2007, p.283) No caso do campus Seropédica da UFRRJ, o estilo neocolonial, curiosamente, foi determinado por decreto, editado pelo governo Vargas, que, certamente, o julgou mais apropriado para caracterizar a arquitetura que iria abrigar atividades ligadas ao ensino e a pesquisa das ciências agrárias e da terra. À tradição da atividade agrária brasileira uniu-se o estilo neocolonial que buscou como essência o resgate das tradições estilísticas brasileiras amadurecidas no período colonial, ou seja, o “rural” foi percebido como neocolonial.

Dentro dessa perspectiva, a arquitetura de grande escala dos principais pavilhões do campus (Pavilhão Central, prédios dos Institutos de Biologia, de Química etc.) reproduz elementos arquitetônicos e ornamentais característicos das arquiteturas religiosa barroca (frontões caprichosos), civil urbana (sobrevargas em arco abatido) e rural (varandas sustentadas por colunas toscanas, no Pavilhão Central). Essas edificações invariavelmente apresentam seus espaços articulados a partir de um pátio central, elemento tradicional introduzido pela arquitetura jesuítica e presente na arquitetura civil rural. No tocante à arquitetura residencial presente no campus Seropédica, objeto do presente estudo,

observa-se a adoção da escala humana em edificações predominantemente, de um pavimento (exceto as residenciais do Reitor e Vice-Reitor), com beirais projetados em cachorros, varandas, janelas guarnecidas por balaustrada de madeira etc.

A preocupação em proporcionar alojamento aos professores e funcionários do campus informa sobre a distância e dificuldades de acesso ao campus, outrora localizado em uma “zona rural” do Estado do Rio de Janeiro. Essas edificações localizadas em áreas marcadas por ambientes bucólicos, com farta vegetação, foram projetadas detalhadamente de forma a espelhar a hierarquia funcional distinguindo-se por área e acabamentos utilizados. O *habitar* no campus Seropédica viabilizou aos moradores originais e também atuais, a construção de laços afetivos com o lugar, inserindo-o de forma indelével em suas memórias coletivas.

### **Sobre o acervo da UFRRJ**

No caso do acervo de plantas relacionadas à memória projetual do campus Seropédica da UFRRJ, observa-se uma infinidade de intenções não concretizadas – não executadas – ou diversificadas (diversos estudos para o mesmo prédio ou elemento). Estas informações permitem constatar os ambiciosos objetivos do Estado Novo de Vargas no intuito de criar um centro acadêmico de excelência nas ciências agrárias, capaz de proporcionar autonomia aos produtores brasileiros do setor. O apuro dos detalhes arquitetônicos e do mobiliário especialmente projetado para os interiores transmite requinte e apuro formal ao conjunto. Por outro lado, também nos permite comparar criticamente soluções projetadas com as executadas, bem como as atuais apropriações dos espaços projetados no passado.

O plano para construir aquela que seria “a primeira cidade universitária brasileira fora da concentração urbana das grandes cidades”, tomou forma em 1938, quando Getúlio Dorneles Vargas era Presidente do Brasil (RUMBELAPAGER, 2005). A iniciativa partiu do então Ministro da Agricultura Fernando de Sousa Costa que, através de uma exposição de motivos, solicitou, em agosto de 1938, autorização do Presidente para iniciar construções de um novo campus para a Escola Nacional de Agronomia, nas terras do que era então a Fazenda Nacional de Santa Cruz. O projeto dos edifícios teria sido aprovado por Vargas ainda em outubro de 1938, tendo a construção do campus se iniciado no ano seguinte. Em 1941, várias edificações já estavam concluídas, mas foi somente em 1948, que o campus, como um todo, foi plenamente ocupado.

Em função da sua importância cultural, o conjunto arquitetônico-paisagístico da UFRRJ foi protegido provisoriamente, em 1998, pelo instituto do tombamento estadual, para, em 2001, ser definitivamente protegido. A iniciativa de proteção foi proposta pela Universidade ao Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC), que a encaminhou ao Conselho Estadual de Tombamento (CET), primeiramente para os painéis de azulejos projetados e pintados pela artista plástica de origem portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, localizados no antigo refeitório (atual sala de estudos) do campus Seropédica. Cabe destacar que a obra é a única desta natureza produzida pela artista plástica no Brasil.

Após visita de técnicos do INEPAC, o tombamento foi estendido ao campus Seropédica, na área que guarda sua ocupação original, que inclui seu parque paisagístico, projetado por Reynaldo Dierberger, além de pavilhões e edificações em estilo neocolonial, nele situados. A constatação originou o tombamento estadual dos painéis de azulejos de Vieira da Silva juntamente com o conjunto arquitetônico-paisagístico do campus.

No entanto, a riqueza do conjunto arquitetônico do campus Seropédica não se esgota em seus pavilhões de aulas e de funções administrativas. A previsão do uso residencial em suas dependências, para professores, alunos e funcionários, viabiliza a reconstrução das características do morar, no período 1930-1940, numa região rural, induzindo a reflexões e comparações com as condições atuais. O exercício surge como uma valiosa experiência que contribui para a formação de estudantes de arquitetura, bem como para a informação de docentes da área de arquitetura e urbanismo.

### **Sobre as residências e a hierarquia**

Conforme já descrito, as residências projetadas para o Campus Seropédica possuem uma escala humana em relação aos pavilhões, apresentando plantas compactas e padronizadas segundo rígida hierarquia funcional, diferenciadas por áreas, acabamentos e tratamentos plásticos. Ou seja, quanto maior o status da função exercida na Universidade, pelo ocupante, mais apurada é a arquitetura e mais bem localizada sua residência. Esse aspecto reforça o rígido caráter hierárquico da sociedade brasileira dos anos 1930, especialmente nos âmbitos acadêmico e rural.

Desta forma, as pesquisas revelaram um conjunto de projetos arquitetônicos residenciais unifamiliares completos, onde se destacam com um grande apuro formal e construtivo, as residências do Reitor e Vice-Reitor, sem dúvida, as mais requintadas de uma série hierárquica que também possuía:

- Casas para Professores Catedráticos (Tipos C.1 e C.23)
- Casas para Diretores (Tipos D.1 ao D.8; D.27 e D.28)
- Casas para Funcionários – divididas em categorias (Tipos F.1 ao F.8 e F.21 ao F.24)
- Casas para Trabalhadores, casados e solteiros (Tipos T.1 ao T.9)

No tocante aos alunos, a Universidade oferecia alojamentos coletivos, com divisão por sexo (feminino e masculino), em prédios dotados de três pavimentos, acessados apenas por escadas. Todos os residentes no campus contavam com o conforto de uma infraestrutura de apoio dotada de lavanderia e restaurantes (professores e alunos).

A hierarquia estabelecida lembra as das vilas operárias das primeiras Fábricas de Tecidos de Algodão implantadas no Estado do Rio de Janeiro, a partir do último quartel do século XIX, inspiradas em soluções propostas pelos socialistas utópicos, em seus familistérios. No campus Seropédica, observa-se que essas tipologias residenciais se

encontram localizadas de forma dispersa na área do campus, próximas umas das outras, sem uma setorização perceptível, exceto as casas do Reitor e Vice-Reitor, implantadas em lugar próximo ao Pavilhão Central, em sítio de topografia mais elevada em relação ao restante do campus.

## A CASA DO REITOR

A localização da Casa do Reitor, não segue, em termos de implantação, a simetria imposta pelo partido proposto para as principais edificações do campus (Pavilhão Central, Pavilhões dos Institutos de Química e de Biologia). No entanto, esse aspecto passa despercebido ao observador, em função de um eficiente artifício paisagístico que lança mão de uma colina artificial, sobre a qual a residência está implantada em pequeno platô, complementada por massa arbórea que a “oculta” parcialmente na paisagem do campus, destacando as edificações situadas na área plana limítrofe, especialmente o Pavilhão Central.

O partido adotado na implantação da Casa do Reitor colabora para diferenciá-la espacial e arquitetonicamente das demais edificações residenciais do campus, tendo em vista sua ocupação pelo mais alto posto hierárquico da Universidade. O partido adotado repete o mesmo princípio da implantação de algumas casas-sedes de fazendas do período colonial, onde a topografia mais elevada do sítio, onde se localizava, permitia o controle visual da área de domínio do proprietário. Reforça ainda mais esta semelhança, o fato de a Casa do Reitor ter aos fundos, um anexo construído para abrigar uma garagem e a residência do encarregado da Reitoria. Observa-se que a estratégia utilizada na implantação da casa proporciona aos ocupantes, um ambiente arborizado ao seu redor extremamente agradável, característico dos meios rurais. Apesar do citado isolamento visual do restante do campus, obtém-se dele, uma visão privilegiada, a partir da varanda e do terraço localizados no segundo pavimento.

O tratamento externo mimetiza os elementos da linguagem arquitetônica tradicional civil e religiosa brasileira, traduzidos em beirais encachorrados, óculo polilobulado, seteiras etc. Em termos de espaço interno, a residência apresenta em planta-baixa, no primeiro pavimento, gabinete para o Reitor, sala de estar, sala de jantar, alpendre, cozinha, dependências para a “criada” (com acesso independente ao exterior da casa), hall e escada de acesso ao segundo pavimento que possui três quartos, um banheiro, uma varanda e um terraço.



Ilustração 1. Localização das casas de Reitor (1) e Vice-Reitor (2).

Fonte: Google Maps, acessado em 16/4/2018



Ilustração 22. Fachada principal da Casa do Reitor. Fonte: Arquivo do Laboratório de Conservação de Documentos da UFRRJ (LabDoc/UFRRJ), foto Priscila Marcondes, 2017.

## AS CASAS DE FUNCIONÁRIOS E TRABALHADORES

Os projetos de casas para funcionários e trabalhadores do campus Seropédica da UFRRJ apresentam-se em diversos tipos diferenciados respectivamente, pelas letras F e T, seguidas por números de ordem. Sendo assim, foram até agora identificados os modelos de casas para funcionários F.1 ao F.8, e F.21 ao F.24. Os modelos de casas para trabalhadores apresentam-se em nove tipos diferentes (do T.1 ao T.9), que atendem

demandas por espaço de ocupantes solteiros, casados e casados com filhos.

As residências “T” e “F” possuem tratamento externo bem simples e apresentam invariavelmente um pavimento que é arrematado por coberturas em telhados de duas águas de telhas do tipo canal, com grandes beirais, e fenestração composta por vãos em vergas retas. Elas surgem implantadas em lotes com dimensões bastante generosas, demarcados por cercas em madeira, que possibilitam, em seu interior, o cultivo de frutas e hortaliças, reforçando a percepção e a vivência do caráter rural do ambiente construído do campus Seropédica, por parte dos seus ocupantes. Em termos de plantas-baixas, as casas para funcionários apresentam de um a três quartos, enquanto a de trabalhadores de um a dois quartos. Todas possuem um banheiro, cozinha, sendo que a maioria dos modelos “F” recebem uma copa, com exceção do tipo “F.6”, que possui uma configuração bem mais modesta se comparada a outras de sua hierarquia, apresentando área interna de 60 m<sup>2</sup>.



Ilustração 3. Casa de trabalhadores casados, tipo T4, geminadas. Fonte: Google Maps, acessado em 16/04/2018.

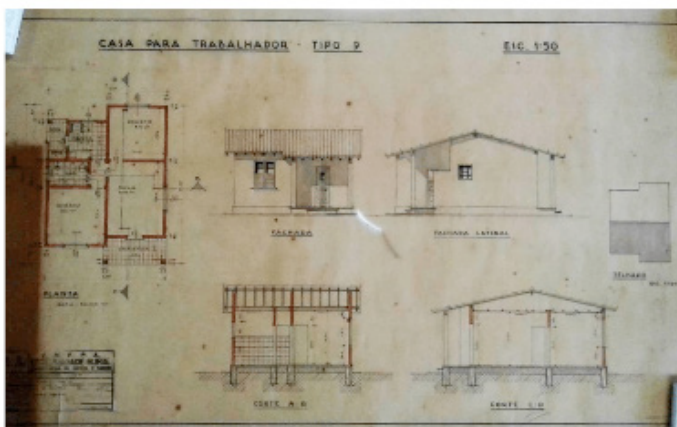
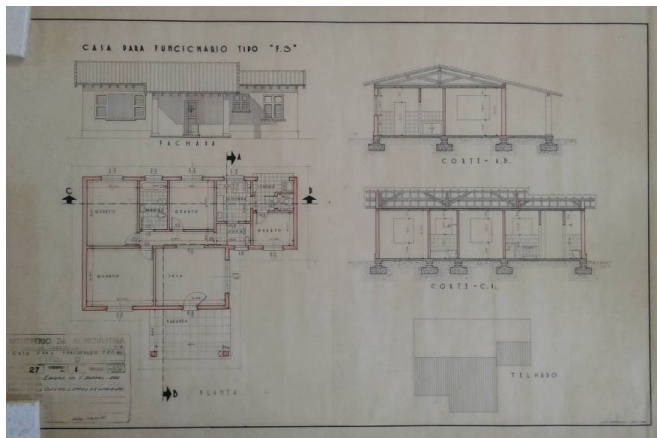
## O HABITAR NO CAMPUS SEROPÉDICA HOJE

A confrontação entre os projetos originais e o estado atual das edificações é uma etapa ainda não cumprida integralmente pela pesquisa ora apresentada. No entanto, pelos levantamentos iniciais até agora realizados, foi possível observar algumas alterações na apropriação de algumas unidades residenciais que passaram a abrigar outros usos ou se encontram desocupadas. Nesse contexto, pode-se citar o caso de uma das residências para professor catedrático, localizada próximo à Casa do Reitor que se transformou em museu de geologia.

Com relação às unidades destinadas aos trabalhadores e funcionários até agora observadas, o uso residencial continua mantido na maior parte delas, apesar de ter imposto descaracterizações nos elementos originalmente projetados, muitas das vezes substituídos ou alterados morfológicamente (vãos, esquadrias, entelhamentos etc.). Observam-se



também acréscimos resultantes de demandas de seus ocupantes por mais espaço. A falta de um plano de conservação preventiva das unidades residenciais do campus também contribuiu com o passar do tempo, para o comprometimento de suas integridades. Tais fatos transferem para o acervo ora trabalhado, um grande valor documental, tendo em vista que poderá embasar, juntamente com outras fontes de informação, futuras intervenções de conservação nesse valioso conjunto arquitetônico que conta uma parte da trajetória do ambiente construído e social do campus da Seropédica da UFRRJ.



Ilustrações 4 e 5. Casas para Funcionários F.3 e Trabalhadores T.9. Fonte: Arquivo do Laboratório de Conservação de Documentos da UFRRJ (LabDOC/UFRRJ), foto Claudio Lima Carlos, 2017.

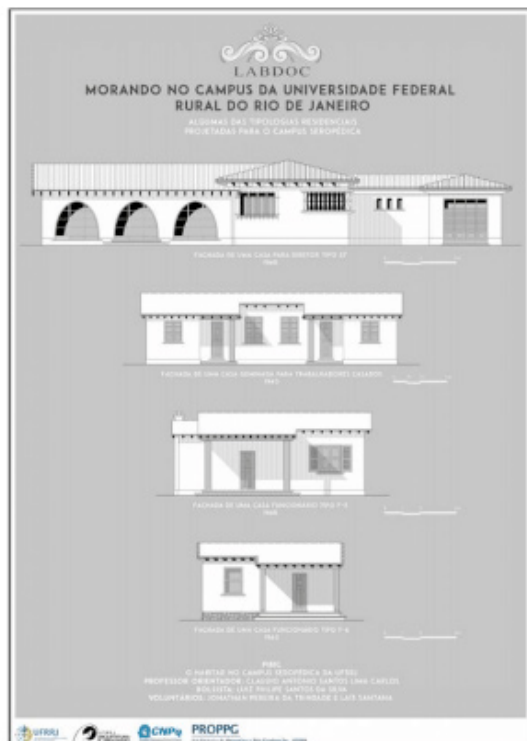


Ilustração 6. Poste com fachadas principais de modelos de casas para Funcionário e Diretor. Autores: Luiz Philipe Santos da Silva e Jonathan Pereira da Trindade, sob orientação de Claudio Lima Carlos 2018.

## REFERÊNCIAS

- ANGELO, Carla Viviane da Silva. **Arquivos e Preservação Documental**, in *Mestres e Conselheiros: Manual de atuação dos agentes do Patrimônio Cultural/organização* Marcos Paulo de Souza Miranda, Guilherme Maciel Araújo e Jorge Abdo Askar. – Belo Horizonte: IEDS, 2009, PP. 91-96.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1981.
- BOURDIER, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos, vol. 20)
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. Lisboa: Ed. Presença, 1980.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1984, pp 05 a 23

PALASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2017.

RUMBELAPAGER, Maria de Lourdes. **Arquitetura Neocolonial**. Seropédica, RJ: EDUR, 2005.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Autonomia 10, 1, 3, 8, 9, 17, 18, 20, 21, 22, 43, 44, 53, 55, 56, 64, 118

### B

Barreiras Ambientais 42

### C

Câmara dos Deputados 9, 12, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178

Cartas Patrimoniais 11, 115, 126, 157

Conservação 11, 58, 59, 60, 62, 67, 69, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 141, 143, 154, 155, 156, 164, 166, 168, 169, 171, 172, 176, 177

### D

Desenho Urbano 74, 82, 83, 93, 105, 107, 109

Documentação 18, 58, 59, 62, 63, 125, 126, 127, 129, 153, 167

### E

Espaço Público 44, 72, 82, 83, 85, 89, 91, 92, 93, 111, 112

Extensão Universitária 82, 85, 93

### F

Fragilidade Socioespacial 9, 10, 1

### G

Gerenciamento de Riscos 166, 168, 169, 171, 172, 176

### H

Humanización 25

### I

Impacto Ambiental 9, 8, 25

Inclusão 4, 19, 42, 85, 116, 130

Intervenções urbanísticas 154

### P

Paisagem Cultural 11, 142, 143, 147, 149, 151, 152, 153, 165

Participação popular 82, 85, 93

Patrimônio 9, 11, 2, 5, 8, 58, 64, 70, 105, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 177,

178

Patrimônio Cultural 58, 64, 70, 115, 116, 119, 121, 122, 126, 130, 131, 141, 143, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 161, 162, 167, 168, 169, 171, 172, 177, 178

Patrimônio Histórico 105, 117, 126, 132, 133, 135, 141, 158, 165, 167, 168, 169, 170, 171

Patrimônio Imaterial 9, 11, 117, 133, 142, 144, 145, 151, 152, 158

Patrimônio Industrial 9, 11, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 130

Performance Urbana 105

Periferia Metropolitana 1, 93

Políticas públicas 93, 140, 154, 155, 164

Preservação 8, 18, 70, 80, 115, 116, 118, 119, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 139, 140, 143, 151, 154, 156, 157, 163, 166, 168, 169, 170, 172, 176, 177, 178

Princípio Responsabilidade 94, 104

Progresso 94, 95, 96, 97, 103, 118

## **R**

Rehabilitación- Salud 25

Relações Porto-Cidade 11, 94, 98

Restauração 11, 60, 115, 121, 122, 124, 125, 126, 129, 130, 131

Revitalização Urbana 105

Rota acessível 42

## **S**

Setor Hospitalar Local Sul 10, 72, 73, 80

Sítio histórico 154, 155, 164

Sustentabilidad 25, 27

## **T**

Tecnologias Alternativas Em Arquitetura 1

Turismo Cultural 105, 152

## **V**

Vila Economizadora 11, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Vilas Operárias 65, 132, 137

## **W**

Workshops Colaborativos 82, 92

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Arquitetura e Urbanismo: Compromisso Histórico com a Multidisciplinariedade

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Arquitetura e Urbanismo: Compromisso Histórico com a Multidisciplinariedade

---